

NOV/DEZ 1984 — Nº 6

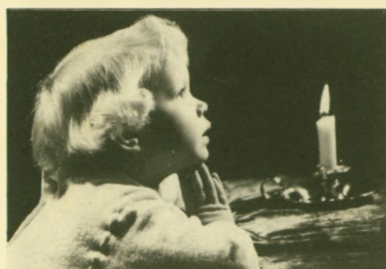
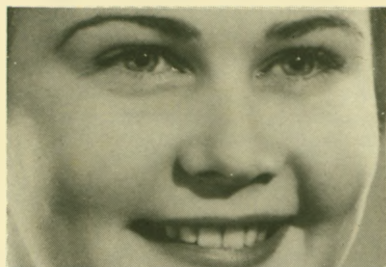
Ministério

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA



Cinco Faces da Esposa do Pastor



Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo Vieira

Produção Visual:
Cláudio Sampaio de Oliveira

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff, José C. Bessa,
Alcides Campolongo,
Severino Bezerra, Jefte de Carvalho

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF.
Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira.

2 O MINISTÉRIO/NOV./DEZ/1984

ARTIGOS

3 PERDÃO, ISRAEL!

Robert Spangler

5 “PASTOR, EU O AMO!”

Estêvão Grunlan

7 O MINISTÉRIO DO ENSINO INDIVIDUAL E COLETIVO DA MORDOMIA

Roberto R. Roncarolo

8 QUANTO VALE UMA ALMA?

J. N. Hunt

10 CINCO FACES DA ESPOSA DO PASTOR

Karen Nuessle

13 ORAÇÕES DA CASA PASTORAL

Cherry B. Habenicht

13 A PRESCIÊNCIA DIVINA — RELATIVA OU ABSOLUTA?

Alberto Ronald Timm

SEÇÕES

3 EDITORIAL

5 ARTIGOS GERAIS

10 A ESPOSA DO PASTOR

13 TEOLOGIA

22 ÍNDICE 1984

PERDÃO, ISRAEL!

ROBERT SPANGLER

Prezado Irmão Moisés:

Há tempo venho pensando em escrever-lhe para pedir desculpas e buscar perdão de você e seu povo Israel. Como você sabe, muitos, se não a maioria de nós no moderno Israel espiritual temos acalentado um espírito censurador para com vocês e um sentimento de superioridade espiritual. Com efeito, freqüentemente eu mesmo tenho ficado horrorizado com o grande número de vezes que o seu povo deixou de viver à altura de sua alta vocação. Isso talvez constitua uma surpresa para você ao considerar a condição dentro de Israel hoje em dia. Mas os fracassos que experimentamos de maneira alguma têm impedido nossas críticas de seu povo nos tempos do Antigo Testamento! Na verdade, raramente compreendemos a realidade de nossa condição! (De fato, é estranho quão evidentes e inescusáveis parecem ser as suas antigas incoerências, e quão natural e explicável tudo isso se afigura quando nos encontramos em situações similares, na atualidade!)

Como ilustração, lembramo-nos de diversos acontecimentos em sua história. Escolher só um não é fácil, mas talvez haja outras cartas no futuro. Consideremos o episódio da serpente ardente. Desde a infância, nós que fazemos parte do Israel espiritual temos ouvido essa história ser repetida no culto familiar, nas classes da Escola Sabatina, nas aulas de Bíblia em escolas e colégios, para não mencionar seu amplo uso pelos pregadores. Você, Moisés, relatou essa ocorrência em Números 21. Ela começa com o seu povo queixando-se das privações no deserto e da aparente falta de alimento e água. Você menciona, porém, a maravilhosa e impressionante proteção de Deus sobre esse povo. Imagine um grupo de milhões de pessoas sem um só indivíduo débil em suas fileiras, a despeito do intenso calor e das adversidades de uma vida nômade no deserto! Até as suas roupas não se envelheceram, e os pés não se incharam durante todas as suas caminhadas (Deut. 8:4; Neem. 9:21). Naturalmente, não havia nenhum

McDonald's em alguma parte do deserto, portanto vocês não tinham todos esses alimentos sem valor que temos hoje. E quando vamos para algum lugar, o único exercício que a maioria de nós efetua é ligar e desligar a chave de ignição do automóvel! Nossos pés parecem inchar-se apesar de usarmos escadas rolantes e elevadores toda vez que precisamos subir alguns metros. Irmão Moisés, se tivéssemos de trocar de lugar com o seu povo no passado, e subir montanhas e viajar da maneira como vocês o fizeram, receio que a maioria de nós percesse a alguns quilômetros do Mar Vermelho!

Evidentemente, as queixas e a descrença eram tão amplas e constantes que Deus foi obrigado a tomar medidas drásticas para levar alguns de seu povo à Terra Prometida. "Descontentamento — ouvi alguém dizer — é como tinta despejada na água e que enche de negridão todo o manancial." Ele ocasiona depressão e paralisa a força de vontade; anuvia a mente e impossibilita o progresso. Esse espírito é contagioso, como vocês aprenderam na antiguidade. Nós enfrentamos a mesma coisa na atualidade.

Deus retirou Sua mão protetora, e deixou que as serpentes abrasadoras que infestavam o deserto atacassem a vocês. Então veio a agonia de dolorosa inflamação e morte prolongada. Alguns de nós têm-se admirado da invulgar instrução de Deus — erigir uma haste com um réptil de bronze no alto. Por que uma serpente, e não uma ovelha, como sinal de salvação?

Eis aqui, porém, a parte desse estranho episódio que nos leva a duvidar da sanidade mental de Israel. Você orou por eles, segundo o pedido que lhe fizeram. Erigiu o símbolo de bronze. Anunciou a boa nova de que todos os que estavam morrendo das picadas venenosas viveriam se tão-somente olhassem com fé para a serpente de metal. Depois de tudo isso, houve, porém, os que recusaram olhar. Eles voltaram as costas para o dom da vida!

Como podia algum israelita mordido por uma serpente ser tão insensível, tão irracional, tão estulto (se posso falar francamente)? Tudo que precisavam fazer era

olhar e viver. Eles sabiam, e nós sabemos, que não havia poder curativo no emblema. Só Deus pode comunicar vida aos moribundos. Por que, então, eles não creram? Não é natural crer naquilo que se espera fervorosamente? Além disso, eles nada tinham que perder. Não lhes custaria nada — absolutamente nada — olhar e viver. Você consegue ver, não é mesmo, irmão Moisés, porque temos dificuldade para compreender o seu povo. Não encontro palavras para descrever minha atitude para com os que sacrificaram sua vida desnecessariamente. Oh! que incompreensível descrença! Como seu povo pôde escolher a praga fatal em lugar do antídoto divino?

Perdão, Moisés! Quase estou sendo arrebatado por minha atitude de crítica para com o seu povo e por meus fortes sentimentos quanto a este ponto. Quando me detenho para refletir um pouco, posso ver que não preciso ficar tão chocado. Consideremos, por exemplo, minha própria vida. Por que devo ficar tão surpreso com o mau desempenho de seu povo, se eu e o resto do povo de Deus hoje em dia não nos temos portado muito melhor? Como posso condenar o seu povo por esse procedimento desarrazoado, se, ao olhar para o meu próprio coração, mesmo que seja só por um momento, reconheço que estou em tão má situação como os mais endurecidos e descrentes dentre a sua multidão — e talvez pior, em vista da enorme quantidade de luz que Deus tem lançado sobre mim, em comparação com a luz concedida ao seu povo.

O que estou dizendo é o seguinte: tudo isto aumenta a nossa necessidade de pedir desculpas e buscar o seu perdão, Israel. Nós os condenamos por se queixarem e murmurarem, quando nossas próprias queixas dariam para encher bibliotecas! (Suponho que minhas murmurações pessoais, se fossem impressas, superariam a Enciclopédia Britânica!)

Perdão, Israel, por desdenharmos de sua descrença, quando nós, hoje, transformamos essa “habilidade” numa arte. A descrença impregna o Israel espiritual como câncer. Tudo — desde o Espírito de Profecia até a Segunda Vinda; desde a realidade do Céu até às bênçãos da reforma pró-saúde — é posto em dúvida hoje em dia, para não dizer nada da veracidade da doutrina do santuário e de seu testemunho profético, incluindo a profecia dos 2.300 anos e 1844. Nada está isento de ser minado — e mesmo destruído — pela descrença.

Acima de tudo, porém, perdão, Israel, por ficarmos espantados com a sua rejeição da vida por meio de Jesus, simbolizada

pela serpente numa haste. Pois ridicularizamos sua má vontade para olhar e viver, quando nossa atitude para com o plano da salvação é pior ainda. O que Deus fez, está fazendo e fará por nós mediante Seu Filho Jesus Cristo é desprezado, mal-compreendido ou rejeitado por nós. Não admira que Deus queira vomitar-nos de Sua boca por causa de nossa mornidão! Nós, que pretendemos ser tão ricos, tão abastados, tão cheios de discernimento, não compreendemos (segundo João o expressou) que somos infelizes, miseráveis, pobres, cegos e nus (Apoc. 3:17)!

Mencionei — não é mesmo? — como achamos estranho que Deus usasse uma serpente, e não uma ovelha, como símbolo da salvação. Mas o gênio de todo o plano da salvação gira em torno desse magnífico aspecto da expiação. Oh! que sublimidade nestas palavras: “Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21)!

Ele foi erguido como um espetáculo entre o Céu e a Terra, como se fosse indigno de ambos e tivesse sido abandonado pelos dois. Nosso Senhor e Salvador usou o ato de você, Moisés, levantar a serpente no deserto, por ordem de Deus, como ilustração ao falar com Nicodemos, aquele fariseu muito correto, honesto, moral, profundamente dedicado, mas não convertido. Disse-lhe que se aceitasse a expiação, nunca pereceria. Essa mensagem atravessou os séculos e chegou até nós. O apelo é o mesmo. Se levantarmos a Cristo no deserto de nosso coração e contemplarmos o Seu sacrifício, encontraremos poder para submeter-nos a Ele. Se tomarmos tempo para meditar sobre quem é o Salvador, o que Ele fez por nós e por que morreu, nosso coração será abrandado, nossa mente ficará impressionada, e a alma será imbuída de contrição. Se levantarmos em nosso coração o Seu excelso ministério como nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial e compreendermos o que Ele está fazendo por nós hoje, aqui e agora, havemos de viver. Se tão-somente olharmos para Ele, não apenas a cada dia ou hora, mas em todos os momentos, a vida eterna é nossa! Não teremos uma sepultura no deserto, e, sim, o repouso na Terra Prometida.

Sim, Moisés, nós nos sentimos tão superiores! Temos escarnecido e zombado de você e seu povo por causa de sua descrença e seus fracassos. E agora somos condenados por maior descrença e maiores fracassos.

Perdão, Israel!

"PASTOR, EU O AMO!"



Estêvão Grunlan

Pastor da Igreja da Comunidade de Minnetonka,
Minnesota, Estados Unidos

Você está atendendo a uma pessoa do sexo oposto que tem dificuldades matrimoniais. Está manifestando amor, atenção, solicitude e compreensão. Você é um dirigente cristão, e não quer acabar seduzindo alguém. Como poderá evitá-lo?

Uma dona-de-casa atraente, de uns trinta anos de idade, procura seduzir o seu pastor durante uma sessão de aconselhamento no escritório deste último.

Na primeira entrevista, ela se queixa de que o marido não satisfaz suas necessidades. Algumas sessões mais tarde, ela expressa o desejo de que ele fosse "um forte dirigente" como o pastor. Seguem-se outros sinais mais evidentes. O pastor, quase vinte anos mais velho do que ela, obeso e calvo, é lisonjeado, tentado, e corre o perigo de mostrar-se sensível a essas investidas.

Como se explica o interesse romântico de uma jovem e atraente senhora num homem mais velho e pouco atraente? Alguns talvez suponham que ela está procurando um personagem que tenha as características de um pai. No entanto, um esclarecimento mais simples pode explicar o seu interesse no pastor de sua igreja, bem como os envoltimentos românticos de muitos pastores e outros dirigentes cristãos.

A atratividade física é uma óbvia base para o interesse romântico, mas diversos outros fatores menos reconhecidos também entram em ação. Juntos, eles compõem o efeito total que exercemos romanticamente sobre outras pessoas. Os cientistas sociais, Gary Belkin e Norman Goodman (*Marriage, Family and Intimate Relationships*, Rand McNally, 1980) chamam esse efeito de *Válvula do Estímulo Sexual*, e afirmam que ela se compõe de cinco características principais, além da atração física. Considerar cada um deles pode ajudar-nos a ver por que o envolvimento íntimo com pessoas do

sexo feminino é virtualmente um risco profissional para os pastores.

1. *Confiança em Si Mesmo.* Confiança não é presunção. A confiança diz: "Eu estou bem"; ao passo que a presunção diz: "Eu estou melhor do que você." A presunção repele os outros, mas a confiança atrai. Quando alguém está contente consigo mesmo, é mais provável que os outros também estejam contentes com ele. Pessoas que confiam em si mesmas geralmente tornam mais fácil que os outros confiem em si mesmos.

Nem todos os pastores e dirigentes cristãos têm essa confiança em si mesmos, mas em geral parecem ser confiantes, especialmente para os leigos. A maioria dos indivíduos acha que requer muita confiança pessoal dirigir a palavra a um grupo de pessoas. Muitas das responsabilidades públicas do pastor são atividades que geralmente estão relacionadas com a confiança. Não importa como ele se sente no íntimo, o pastor é considerado como alguém que tem confiança em si mesmo.

2. *Poder.* As pessoas não somente são atraídas para o poder, mas também para indivíduos poderosos. Por exemplo, o ex-Secretário de Estado, Henry Kissinger, embora não seja muito atraente fisicamente, parecia estar constantemente na companhia de belas mulheres, atrizes e pessoas da alta sociedade. Indivíduos em posições de poder, não obstante sua pequena atratividade física, freqüentemente atraem pessoas do sexo oposto.

O pastor é comumente uma pessoa poderosa, pelo menos dentro de sua igreja ou or-

ganização. Ele é o dirigente, o indivíduo revestido de autoridade. O pastor também é considerado uma pessoa poderosa porque fala com autoridade — a autoridade oriunda da Palavra de Deus. Nas Igrejas litúrgicas, os paramentos e as cerimônias tendem a aumentar essa sensação de poder. Talvez o pastor não se considere poderoso; mais uma vez, porém, é a percepção dos outros que importa.

3. *Reconhecimento Público.* Belkin e Goodman escrevem: "A fama é um afrodisíaco." O reconhecimento público pode até transformar pessoas repulsivas em pessoas romanticamente atraentes. Enquanto cumpre a pena de prisão perpétua por haver assassinado oito estudantes de enfermagem em Chicago, Richard Speck tem recebido dezenas de propostas de casamento. A correspondência que Charles Manson recebe de fãs adolescentes é maior do que toda a correspondência de seus colegas de prisão. Tiny Tim, um astro da música rock da geração passada, era um indivíduo de aspecto estranho e patético — o alvo de ridículo na escola. Ele gostava de meninas, mas não conseguia namorá-las. Quando, porém, se tornou uma pessoa célebre, as fãs o perseguiram tão apaixonadamente que ele precisou contratar dois guardas de segurança para impedir que entrassem no seu vestiário.

Os pastores e dirigentes cristãos também suscitam reconhecimento. Eles desfrutam uma posição "de celebridade", pelo menos entre os membros de suas igrejas. Visto que a confiança, o poder e a atenção pública em geral não estão relacionados com a atratividade romântica, as pessoas amiúde não sabem explicar por que se acham romanticamente interessadas num pastor.

4. *Manifestando Interesse e Solicitudade.* Todos somos atraídos para ouvintes atentos, interessados e compreensivos, que manifestam verdadeiro interesse em nós e com quem podemos falar livremente. Semelhante solicitude e atenção prepara o terreno para íntimas comunicações verbais, e amiúde só há um pequeno passo da comunicação íntima para as intimidades.

Devido à própria natureza de seu trabalho, os pastores freqüentemente têm a oportunidade de manifestar interesse nos outros e de ouvir seus problemas íntimos. É-lhes ensinado que devem ser ouvintes atentos, empáticos e compreensivos — as próprias maneiras e atitudes que os tornam atraentes aos membros do sexo oposto.

5. *Delicadeza.* Belkin e Goodman declaram: "Seja qual for a imagem pública de

uma pessoa, ... a qualidade da delicadeza indica força e confiança: ela denota boa vontade para dar algo aos outros. ... Quando encontramos delicadeza em alguém, isso pode realmente produzir um efeito físico."

A delicadeza é uma qualidade romântica. Ela é também um recurso à disposição dos ministros. O pastor penetra freqüentemente na vida de alguém como consolador e animador; ele se aproxima das pessoas com ternura. No entanto, a própria delicadeza que se destina a confortar e amparar pode produzir no indivíduo uma atração romântica pelo pastor.

Todos os cinco característicos de Belkin e Goodman que contribuem para formar a Válvula do Estímulo Sexual são típicos de muitos pastores e dirigentes cristãos. Isto significa que, mesmo não percebendo o efeito que causamos, muitos de nós podemos tornar-nos objetos românticos e de fantasia. Que nos compete fazer neste sentido?

Simplesmente compreender como nossa posição e conduta podem afetar algumas pessoas contribuirá grandemente para ajudar-nos a estar prevenidos contra quaisquer atrações românticas que possam surgir. Obviamente, não precisamos desconfiar de todo membro do sexo oposto que sorri para nós ou que vem pedir conselho. Por outro lado, também é óbvio que precisamos reconhecer o fato de que nosso cargo e vocação nos confere característicos e atrações adicionais que não teríamos ordinariamente.

COMO EVITAR SER A VÍTIMA DE UM ENREDO

O problema descrito neste artigo é mais amplo do que muitos na igreja estariam dispostos a admitir. As sugestões que seguem não constituem uma garantia de que você será bem-sucedido em evitar essas situações perigosas, mas elas podem aumentar significativamente as vantagens em seu favor.

1. *Esteja Intensamente Enamorado de Sua Esposa.* Uma das maiores salvaguardas contra indiscrições e infidelidades matrimoniais é um casamento bem sólido. Procure fazer com que o seu vínculo matrimonial abranja não somente satisfatória vida sexual, mas afeição mútua, compreensão, amizade e confiança. O capim não parecerá ser mais verde do outro lado da cerca se você regar o gramado de sua própria casa!

2. *Reduza o Risco.* Procure fazer com que sua secretária esteja na sala que dá entrada ao seu escritório quando estiver dando conselhos para senhoras jovens e atraentes (e mesmo para senhoras mais idosas e não tão atraentes). E se não tiver uma secretária e uma sala de entrada? Neste caso, talvez seja possível marcar a entrevista para uma hora em que haverá outras pessoas no edifício da igreja — o zelador, os coristas (para um ensaio), etc. Pelo menos, avise sua esposa de que você terá essa entrevista. Isto não constitui uma violação do caráter confidencial da consulta, pois estará meramente comunicando que terá uma sessão de aconselhamento, e não os seus pormenores. Isso certamente impedirá a possibilidade de que a

sessão se transforme nalguma coisa que não estava planejada.

Alguns pastores insistem em ter uma pequena abertura de vidro na porta do seu escritório. Com a porta fechada, eles podem ter algum isolamento — mas não em demasia.

3. *Compreenda Suas Limitações.* Mesmo que não tenha passado dos quarenta e não esteja ficando calvo, as atenções de uma mulher atraente são tão agradáveis que com facilidade você se deixará levar pela corrente das circunstâncias, sem uma decisão consciente para fazê-lo. Naturalmente, sua intenção é cortar o mal pela raiz, mas essas coisas são tão lisonjeiras para o próprio eu, que a pessoa é enredada quase que inconscientemente.

Lembre-se do seguinte: De acordo com Provérbios 6:27-29, você irá se queimar se brincar com fósforos. Entre os ex-pastores há muitos que dizem: "Isto nunca irá acontecer comigo!" A verdade é que acabou acontecendo, e também acontecerá com você se pensar que pode brincar com isso e permanecer ileso. A única solução segura é interromper semelhante relação ao primeiro indicio. Talvez tenha de recomendar que a pessoa consulte algum outro indivíduo (talvez os problemas sejam esclarecidos só com isso), ou, se for conveniente, deve-se debater o problema com franqueza.

4. *Seja Perspicaz.* Alguns pastores são apanhados nessas situações porque, ingenuamente, não suspeitam de nada, até que a coisa lhes explode na cara, e acabam cedendo a uma tentação inesperada. Se vissem sua aproximação, estariam mais bem preparados para enfrentá-la. Não há necessidade de ser paranóide ou desconfiado, e, sim, manter equilibrada percepção tanto do que está ocorrendo como da vulnerabilidade pessoal.

Reconheça também que nem sempre estará lidando com sedutoras ardilosas. Com frequência estará tendo à sua frente uma pessoa magoada cujo respeito próprio foi assaltado e que, portanto, é atraída para alguém que ouve e aconselha. Esteja atento ao efeito dos sinais que você pode estar projetando inadvertidamente.

5. *Mantenha Elevada Resistência Espiritual.* Salutar relação com o Senhor pode ajudá-lo a repetir a exclamação de José: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?" Com efeito, seria bom reler periodicamente a experiência de José (Gên. 39 e 40). Num mundo que encara a promiscuidade sexual tão levemente como o nosso, esse mal pode contagiar até mesmo os pastores, a menos que nos imunizemos conscientemente com forte fé e confiança em Deus.

O Ministério do Ensino Individual e Coletivo da Mordomia

Roberto R. Roncarolo

Num artigo anterior fizemos referência ao motivo do ministério da pregação e do ensino da mordomia por parte de todo pastor. Nesta ocasião desejamos referir-nos aos dois tipos de ministérios de ensino da mordomia que todo pastor deve ter interesse em oferecer a sua congregação.

I. O Ministério do Ensino Individual da Mordomia

Durante todos estes anos, a Igreja Adventista na América do Sul tem dado ênfase principalmente ao ministério da mordomia individual. Isto é, tem procurado ensinar os princípios da doutrina bíblica da mordomia a seus membros, animando-os também a praticá-los.

Isto tem sido assim porque, basicamente, o exercício da mordomia é uma questão pessoal.

Cada um de nós, como filhos de Deus, e somente por Sua graça, à medida que vamos submetendo o próprio eu ao Senhor,

formamos um estilo de vida que tem sido denominado Vida de Mordomo ou VIDA DE SERVIÇO.

Pois bem, a prática da mordomia individual supõe que seja exercida com:

1. Sabedoria
2. Fidelidade
3. Responsabilidade.

Por sua vez, o exercício da mordomia individual realizada de modo responsável, supõe duas coisas:

1. *Uma responsabilidade individual* para com Deus e os homens pela forma como o crente administra o que está em suas mãos.

2. *Uma responsabilidade coletiva.* Em sua condição de membro de igreja e coobreiro de Deus no cumprimento do plano da salvação por meio da missão e do ministério da Igreja, o mordomo cristão é responsável por tudo que é e tem, perante a congregação e no serviço em favor do mundo. De que forma?

a. Servindo aos outros membros da Igreja (Gál. 6:10).

b. Servindo ao mundo como agente de reconciliação (II Cor. 5:18 e 19; S. Luc. 24:47).

c. Vivendo claramente como um cristão.

Por conseguinte, essa vida de mordomo ou vida de serviço não pode ser entendida apenas, como acontece comumente, no sentido restrito de administração passiva ou simples gerência. É mais que isso. Supõe fundamentalmente a idéia de serviço ao próximo, à semelhança da vida de serviço da Cabeça da Igreja: Efésios 2:4-11.

Por certo, tal relação de serviço aos semelhantes que ocorre na mordomia individual deve originar-se no amor de Deus, e não como se fosse um dever do homem.

II. O Ministério do Ensino Coletivo da Mordomia

O ministério do ensino da mordomia por parte do pastor de igreja abrange não somente o ensino e a prática da mordomia individual dos membros, mas também o ensino e a prática da mordomia dos membros como um todo, no sentido de que assim como cada membro pode e deve tornar-se um mordomo, a congregação, como um todo, pode e deve tornar-se um mordomo e, nessa condição, deve ser ensinada a praticar a

mordomia, pois A IGREJA TAMBÉM É UM MORDOMO!!!

Por isso todo pastor deve saber e compreender bem que a mordomia coletiva se preocupa fundamentalmente em orientar a igreja ou congregação para que seja um bom mordomo de todos os meios, recursos e poderes que possui como um todo, a fim de administrá-los sábia e fielmente, e com tal critério de responsabilidade que possa glorificar o nome de Deus e servir à Sua Causa e ao mundo. É assim que a mordomia coletiva passa a ser sinônimo de mordomia da congregação local, e os mesmos princípios e responsabilidades da mordomia individual se aplicam à coletiva. Esta é somente uma extensão daquela.

A Mordomia Cristã tem real significado na medida em que existe uma compreensão bíblica desta doutrina por parte do membro e na medida em que ele também compreenda o propósito e a missão da Igreja. Por isso é tão importante o ministério do ensino da mordomia tanto individual como coletiva por parte do pastor.

Um membro é afortunado quando tem um pastor que lhe ensina estas coisas, e o guia, e lhe oferece oportunidades para concretizar na prática os ideais da mordomia.

Convido-o a ser esse tipo de pastor.



QUANTO VALE UMA ALMA?



Um missionário certa vez contou-me que viu uma menina órfã, na Angola, ser vendida em leilão, como escrava. A lei tribal requeria que as crianças sobreviventes fossem vendidas como escravas quando morriam ambos os pais. Que cena patética! A pequena menina, com o olhar voltado para o chão, esperando temerosamente enquanto o chefe da aldeia pedia lances. Um aldeão ofereceu alguns escudos; outros ofereceram diversos artigos. Finalmente, um homem ofereceu um leitão. Este foi o lance mais alto. Um ser humano sendo trocado por um porco! Poderia o preço de uma alma ser reduzido para menos do que isso? O pensamento é hediondo e repulsivo. Será, porém, que mesmo nós, como cristãos e pastores adventistas do sétimo dia, com-

preendemos realmente o valor de uma alma? Diz Ellen White: "Vi que o povo de Deus está em terreno encantado, e que alguns têm quase perdido o senso da brevidade do tempo e o valor da alma." — *Primeiros Escritos*, pág. 120.

Quanto vale realmente uma alma aos olhos de Deus? Apreciamos e compreendemos o preço pago pelo Céu? "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo." I S. Ped. 1:18 e 19.

Podemos comparar o valor de uma alma com aquilo que os seres humanos consideram mais valioso? Acharíamos suficientes diamantes, ouro ou moedas correntes nas

nações para comprar uma só alma?

Se juntássemos todo o ouro e todos os diamantes já extraídos, e todas as coroas de todos os monarcas que já reinaram na Terra, e formássemos um enorme montão com tudo isso, acrescentando então todo o dinheiro circulante dos países do mundo, e colocássemos do outro lado a menininha órfã da Angola, o que seria de maior valor aos olhos de Deus? Não há dúvida quanto a isso. As riquezas do mundo se reduzem a uma insignificância em comparação com o valor de uma só alma pela qual morreu nosso Senhor.

Por que gastamos, então, tanto de nosso tempo em "coisas corruptíveis", e tão pouco trabalhando a fim de salvar almas para a eternidade? Não deveria haver — por parte da maioria de nós — algumas modificações drásticas em nossas prioridades?

Obviamente, a vida humana é mais valiosa do que as coisas materiais; até pessoas que não são cristãs reconhecem isto. O indivíduo mais abastado sobre a Terra trocaria de bom grado todas as suas riquezas pela vida. Dizem que a Rainha Elizabeth I exclamou no leito de morte: "Daria todo o meu reino por um pouco mais de tempo!" Um médico ou uma mãe permanecerão dia e noite ao lado da cama de uma criança doente, a fim de preservar-lhe a vida. Equipes de salvamento efetuarão atos heróicos para salvar vidas humanas, livrando-as de calamidades. Os Adventistas do Sétimo Dia se abstêm de tudo que encurta a vida, e estarão dispostos a comer quase tudo que tenda a prolongá-la! Nada é demasiado dispendioso, e nenhum regime é muito rigoroso para preservar a vida durante mais alguns anos neste mundo de pecado.

O valor da alma supera, porém, consideravelmente tudo isso. Não mediremos esforços para livrar alguém da morte; quão mais importante é, porém, salvar uma vida que se comparará com a vida de Deus! Por que será que fazemos tanta coisa por este pequeno, insignificante e breve período de vida, por este corpo mortal, e tão pouco para salvar almas para a eternidade?

Alguns homens e mulheres que permaneceram bem perto de Deus viram com mais clareza do que a maioria de nós o valor que Ele confere à salvação eterna de um ser humano. Após o grande pecado de Israel no Sinai, Moisés subiu novamente ao monte para interceder pela vida do povo. "Tornou Moisés ao Senhor, e disse: Ora o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste." Êxo. 32:31 e 32. Com exce-

ção de Cristo no Getsêmani e no Calvário, nenhuma outra pessoa sobre a Terra já ousou pôr em risco sua vida eterna para que outras almas humanas pudessem ser salvas. Creio que Moisés compreendia a avaliação de uma alma feita pelo Céu. Seu coração pulsava em uníssono com o coração de seu Salvador, em prol da humanidade pecaminosa. Mesmo que isso significasse eterna separação do Pai, ambos estavam dispostos a pagar o preço. Não admira que fosse dito a respeito de Moisés: "Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo." Êxo. 33:11. Este amor pelos perdidos torna-se o laço mais íntimo entre Cristo e Seus obreiros na Terra. "Quanto mais nos assemelharmos a nosso Salvador no caráter, tanto maior será nosso amor por aqueles pelos quais Ele morreu." — Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 167.

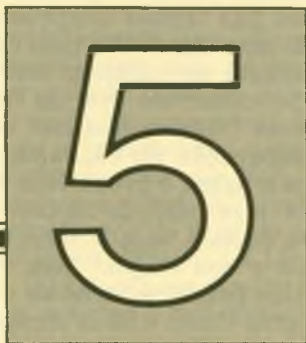
Finalmente, para compreendermos o verdadeiro valor de uma alma, precisamos olhar para Cristo sobre a cruz. Precisamos procurar sondar as profundezas das águas que foram atravessadas, e medir a densidade das trevas pelas quais Ele passou para encontrar a ovelha que estava perdida.

"Quem pode calcular o valor de uma alma? Se quiserdes conhecê-lo, ide ao Getsêmani, e vigiai lá com Cristo durante aquelas horas de angústia, quando suava grandes gotas de sangue. Contemplai o Salvador crucificado! Ouvi o brado de desespero: 'Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?' " — Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 196.

Que foi que arrancou da alma de Cristo essa exclamação de angústia e o suor de sangue? Foi a ira de Seu Pai contra o pecado, o afastamento da presença divina, o Filho de Deus sofrendo a eterna separação de Deus por toda alma vivente sobre a Terra. Este é o preço que nenhum dos resgatados compreenderá plenamente. É verdade que nossa mente finita não consegue avaliar devidamente o valor de uma alma; se, porém, nos aproximarmos da cruz e procurarmos compreender o que Jesus sofreu, suportando a morte eterna em nosso lugar, poderemos avaliar melhor quanto vale realmente cada pessoa.

À medida que a cruz do Calvário transmitir essa verdade ao nosso coração, qual será nossa reação? Até quando o Salvador terá de prodigalizar-nos Seu incalculável amor antes que esta Terra e tudo que ela considera valioso desapareça na insignificância? Até quando, para que a conquista de mais uma alma para o Céu tenha a máxima prioridade em nossa vida?

A Esposa do Pastor



FACES da

ESPOSA do PASTOR

Karen Nuessle

*Esposa de pastor residente em
Port Orchard, Washington.*

Nossa autora, Karen Nuessle, escreveu um artigo muito perspicaz. Com efeito, ao lê-lo, senti, nalguns aspectos, que minha própria vida estava transparecendo diante de mim. Delineando as etapas da experiência de uma esposa de pastor, Karen diz ser possível que ela use cinco "faces" durante sua existência. Embora haja ocasiões de infinda alegria, ela também encontrará períodos de dificuldade e de tomar decisões. Ao ler este artigo, creio que você também será capaz de identificar-se com a maioria dessas faces. Ao enfrentar novos desafios, é confortante saber que Deus tem um plano para sua vida e que outras esposas de pastor estão passando por circunstâncias similares. O conhecimento prévio de que haverá tempos difíceis, a oração e o amor a ajudarão a transpô-las. — Marie Spangler.

— **O**h! eu a conheço. Você é a esposa do pastor.

Sejam quais forem os seus talentos ou suas realizações pessoais ou profissionais, quando ela é apresentada à congregação, sempre o será como a esposa do pastor. Em nenhuma outra profissão do mundo uma mulher é tão firmemente vinculada ao marido e seu trabalho. (Pode ser uma vocação ou uma profissão, mas é sempre um trabalho.)

Essa constante aliança tem vantagens e desvantagens. Visto que ela precisa mudar-se freqüentemente, a esposa do pastor pode achar tranquilizador saber que há um lugar adequado à sua espera para ser preenchido por ela. A maioria das pessoas tratá-la-á com afabilidade simplesmente

porque é a esposa do pastor, e ela desenvolverá profunda amizade com alguns desses membros da igreja, com o passar do tempo.

Que dizer, porém, das desvantagens, das tensões e pressões que afetam singularmente a mulher que também é a esposa do pastor? Às vezes tenho pensado que necessitamos de uma Erma Bombeck para indicar-nos que, embora os nossos problemas sejam peculiares, quase todas as esposas de pastor terão de enfrentá-los numa ocasião ou outra. Podemos ter o estímulo de saber que outras pessoas conseguiram transpor com êxito situações similares.

Creio que há cinco "faces" distintas que nós esposas de pastores assumimos devido ao impacto do trabalho de nosso marido so-

bre nossa vida.

A jovem que se enamorou de um futuro ministro do evangelho é arremessada na função de esposa de pastor. Idealista e ansiosa, ela pretende virar o mundo em direção a Cristo, afastar a apatia e realizar toda a espécie de sonhos dourados e róseos planos em sua nova congregação.

Quer trabalhe fora de casa ou em seu próprio lar, ela assume de bom grado a preparação do boletim da igreja, a realização de visitas, estudos bíblicos, cestas de alimentos, responsabilidades na Assistência Social e na Escola Sabatina, a fim de cumprir "sua" parte para terminar "a obra". Excitada e entusiasmada, ela encontra realização em gastar seu tempo nos alvos de seu marido, nos objetivos da Igreja e na comunhão com Cristo.

Às vezes, ela talvez pergunte a si mesma quais são os seus motivos. Está realizando tudo isso por amor a Deus ou por amor a seu marido? Afinal de contas, porém, no primeiro ardor da iniciação ministerial, o total envolvimento da esposa é tido como certo. Ela faz parte da equipe. Eles trabalham juntos.

Então chega o primeiro filho, geralmente seguido pelo menos por mais outro. Embora continue sendo esposa de pastor, ela acrescenta uma nova "face" a sua vida — a face de mãe.

A chegada do bebê faz com que ela recue um passo de seu papel como esposa de pastor totalmente envolvida. Seu retraimento aumenta a tensão da relação entre o marido e a esposa, já precipitada pela chegada do bebê. É como se a esposa do pastor houvesse mudado de profissão. Em essência, isso ocorrerá cinco vezes em sua vida, e tudo porque é esposa de pastor.

A mudança de função tornar-se-á mais acentuada se a esposa trabalha fora de casa e continuar a fazê-lo após o nascimento do bebê, ou se trabalhou fora de casa até esse tempo e decidir ficar em casa. Ambos os aspectos ocasionam tensões e requerem adaptação. Se o casal compreender que essas tensões constituem uma consequência natural do seu "ditoso acontecimento" e que *todo* casal precisa de tempo para superar as dificuldades, eles reduzirão as tensões e se adaptarão com mais facilidade.

No entanto, de certo modo, a chegada de um bebê afeta mais a família de um pastor do que outras famílias. Os membros, em geral, ficam contentíssimos com o novo bebê, mas não compreendem que a esposa do pastor, conseqüentemente, terá de diminuir algumas de suas obrigações. E muitas vezes a nova mãe enfrenta pressões para

que seja uma pessoa exemplar, criando um filho "perfeito".

Nada aflige mais uma esposa de pastor do que lutar sozinha com duas crianças pequenas, num banco nos fundos da igreja, e ser punida pelos olhares, se não pelas palavras, dos casais sentados ao seu redor, que apenas precisam cuidar de uma criança entre eles. Como nenhuma outra coisa, esse ato de humildade lhe ensina a compadecer-se das jovens mães — especialmente das que vêm à igreja sem o marido, e que necessitam de sua compreensão e amparo. Ela conhece algo sobre cuidar sozinha dos filhos na igreja, pois o tem feito durante anos!

Quando Júlio e Julieta começam a ir para a escola, a mãe enfrenta outra mudança de profissão. Em muitos casos, a esposa do pastor gostaria de mudar a marcha e retornar à forte intimidade da primeira etapa de sua vida — ela e o marido, uma equipe para Cristo. Na maioria das vezes, porém, o demônio das despesas escolares ergue a cabeça. A necessidade sobrepuja a preferência, e a mãe retorna a sua profissão original ou tem de aprender uma. Seja como for, ao reingressar no mercado do trabalho, ela recua mais um passo de seu primeiro envolvimento no trabalho do marido.

Agora, até mesmo os poucos deveres que ela reteve durante os anos iniciais da qualidade de mãe, têm de ser deixados à beira da estrada. Mais desligada ainda do trabalho que o casal tanto ama, ela não se sente como esposa de pastor, a não ser no sábado. Neste sentido, pode identificar-se com muitos "adventistas do sétimo dia" — só está empenhada na igreja no sétimo dia. Esse período pode ser um dos mais traumáticos para seu marido, para sua família e para sua relação como casal.

Se ela trabalha fora de casa, a esposa do pastor necessita de mais cooperação e ajuda do marido e dos filhos. Aqui o pastor depara com um aspecto delicado. Ele *pode* ficar em casa e, até certo ponto, sujeitar seu programa ao da esposa. Será, porém, que deve fazê-lo?

Indubitavelmente, a esposa necessita do apoio do marido durante esse tempo. Talvez esteja sofrendo de sintomas de retraimento causados pela falta de empenho na igreja. Pode ser que sinta frustrações porque seu tempo é mais agitado — todas as coisas que ela costumava fazer durante o dia precisam ser agora realizadas à noite. Os filhos talvez também fiquem desorientados. Antes disso, eles ajudavam nos serviços domésticos, mas agora sua "ajuda" tornou-se uma necessidade. As irritações

são abundantes nesse período, até que, com oração e amor, ocorra uma adaptação.

Talvez a etapa mais embaraçosa na experiência da esposa do pastor seja a quarta. Até agora seus alvos e objetivos têm sido muito coerentes, pois, na realidade, teve poucas alternativas além daquela que escolheu. Aquilo que ela fez proveio da necessidade. Mas agora os filhos não estão mais em casa. Os encargos financeiros que a obrigaram a trabalhar fora de casa foram reduzidos a tal ponto que lhe é possível fazer uma escolha. E isso ocasiona o que talvez seja o maior receio — o receio de tomar a decisão errada.

Até agora, talvez, a esposa tenha feito alguns cursos, a fim de estar habilitada para ocupar posições mais elevadas e ganhar melhores salários. Para realização pessoal e segurança financeira, ela esforçou-se ao máximo para atingir o auge de suas possibilidades na carreira que escolheu. Agora terá de tomar uma decisão.

Convém voltar atrás para renovar o íntimo companheirismo no trabalho que ela e o marido desfrutavam no começo de sua obra pastoral? Ou será melhor continuar a trabalhar fora de casa e da esfera pastoral, colhendo a messe, que está começando a sazonar, produzida pelos anos de penoso esforço que ela investiu em sua carreira?

Ninguém poderá fazer essa escolha por ela. Ninguém poderá dizer o que é melhor. A esposa do pastor poderá escolher a primeira etapa e encontrar tal emoção e alegria em sua relação com Deus e com o marido que se equipare ao Céu na Terra. Poderá experimentar a doçura de partilhar de vitórias, de respostas à oração, e do júbilo que resulta quando duas pessoas trabalham juntas, amparando-se mutuamente. Às vezes, porém, quando uma mulher acostumada a exercer autoridade procura retornar à primeira etapa, ela talvez se torne muito autoritária, sendo assim um estorvo para o quadro de auxiliares do pastor.

Poderá ser que ela escolha ingressar plenamente na quarta etapa, encontrando tempo para instalar-se confortavelmente numa profissão que nunca lhe tenha perdoado. Essa etapa possibilita uma bela florescência da vida matrimonial do pastor e sua esposa. Ambos têm interesses externos, mas estão sozinhos em casa agora. Podem desfrutar a doçura de um casal que passa a conhecer-se cada vez melhor. A relação que talvez se tenha embaçado durante os anos de crescimento e educação dos filhos pode ser revitalizada com uma nova primavera.

Assim, a quarta etapa constitui uma es-

colha importante, que não é feita com facilidade, mas modifica novamente a face da esposa do pastor. Essa etapa possibilita que seja tomada uma decisão mais espontânea do que em qualquer uma das outras etapas.

A quinta etapa — a viuvez — não oferece nenhuma alternativa para a esposa do pastor. Certamente nem todas as esposas de pastor passarão por essa etapa. Seja qual for, porém, a face que estejam usando quando isso acontecer, essa experiência provavelmente será mais traumática para elas do que para qualquer outra mulher, devido a sua estreita ligação com a vocação do marido.

Em grande parte, quando morre o seu marido, a esposa do pastor perde a identidade. Oh! ela sempre teve sua própria identidade, porém esta se achava tão intimamente relacionada com a do marido que essa etapa pode reduzir uma mulher à metade do seu tamanho.

Ela perde sua função na igreja como a esposa do pastor — pois virá um outro pastor. Comumente também perde sua casa, e acaba se mudando pouco depois da morte do marido. Perde mais que o marido com a morte deste último. Penso que não estarei sendo muito dramática ao afirmar que ela perde quase tudo. Nessa ocasião, sua fé e confiança no Senhor serão tudo que realmente lhe restará.

Por que definir essas cinco etapas? Por que indicar alguma coisa tão evidente? Todas as esposas de pastor terão de enfrentar pelo menos uma das mudanças de função. É confortante e tranquilizador saber que outras pessoas tiveram de adotar essas cinco faces e viveram bem com elas — não subsistindo apenas, mas vivendo alegremente.

E, embora não nos conheçamos pessoalmente, podemos ser compreensivas e amparar-nos mutuamente, estando cientes das provações e vitórias que nossas irmãs estão enfrentando.

Quando temos conhecimento prévio das dificuldades que teremos de enfrentar na transição entre essas etapas, podemos considerá-las como desafios e superá-las com êxito. Satanás, o "leão que rugiu" procurando destruir-nos destruindo nossos lares, usa essas ocasiões especiais de tensão em seus esforços nesse sentido. Por meio de cautela, oração e amor poderemos derrotá-lo em nossa própria casa. Então, quando alguém nos cumprimentar dizendo: "Oh! eu a conheço. Você é a esposa do pastor", seremos capazes de responder: "Sim, e sou muito feliz por isso!"

Há tanta coisa para fazer que, mesmo trabalhando dia e noite, eu não conseguiria efetuá-lo. Já estou cansada só ao pensar sobre a tarefa de hoje; como conseguirei virar-me amanhã, e na semana que vem, e na outra?

Por que tenho tanta coisa para fazer?

É porque espero demais de mim mesma? Caí na armadilha de pensar que sou a única pessoa capaz de realizar o trabalho? Se assim é, Senhor, torna-se realista no tocante a minhas motivações, e também no tocante a minhas energias e ao tempo de que disponho.

É porque os outros esperam demais de mim? Ajuda-me, então, a pensar nas pessoas que precisam de preparo e experiência. Oxalá eu seja cortês ao dizer "não" e sábia ao delegar responsabilidades.

Careço de domínio-próprio? Por favor, livra-me de ser perturbada pelo estado de ânimo ou pela obstina-

ção! Chama-me a atenção para projetos que precisam ser realizados, e ajuda-me a enfrentá-los primeiro.

Careço de eficiência? Mostra-me, Senhor, melhores métodos de trabalho. Estou certa de que eu poderia dar um aspecto mais dinâmico a muitas tarefas e pôr mais ordem em minha vida.

"Se cada momento fosse devidamente avaliado e empregado do modo devido, teríamos tempo para tudo que necessitamos para nós mesmos e para o mundo. No emprego do dinheiro, no uso do tempo, das energias, das oportunidades, volta-se cada cristão para Deus em busca de guia." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 208.

Agora mesmo eu me sinto como se estivesse caminhando na água, sendo tragada por uma onda de responsabilidade após a outra. Quase não consigo reter a respiração. Oh! Senhor, dá-me uma clara visão do Teu propósito para minha vida. Concentra minha atenção no Teu plano.

Por favor, não me deixes fracassar!

TEOLOGIA

A Presciência Divina RELATIVA ou ABSOLUTA?

A doutrina da presciência divina tem sido marcada por vários conflitos ao longo da história do cristianismo. Já no início do século V, encontramos a controvérsia pelagiana, na qual, de um lado estava Agostinho, defendendo a doutrina da predestinação e da "graça divina irresistível", e do outro, Pelágio e Céstio, superenfaticando a "liberdade da vontade humana".¹

Durante o período da Reforma dos séculos XVI e XVII, podemos salientar que, mesmo entre os adeptos da Confissão de Augsburgo (1530), houve por algum tempo desacordo entre alguns teólogos sobre a questão "da eterna presciência e eleição de Deus".² Porém, como ponto culminante, podemos considerar a reação que o calvinismo produziu especialmente na Holanda, e que envolveu os Países Baixos protestantes. A maior expressão dessa reação encontramos em Jacó Arminius (1560-1609) e seus discípulos, cuja doutrina é conhecida como arminianismo. Essa controvérsia assumiu caráter político e intensificou-se a tal ponto que, num sínodo nacional em Dort (1619), o arminianismo foi condenado, e um de seus defensores, João van Odenbarneveldt, foi decapitado em 13 de maio de 1619, e Grotius, condenado à prisão perpétua, muito embora conseguisse fugir posteriormente.³

Ainda hoje, o cristianismo se encontra dividido neste aspecto da teologia; e, para chegarmos a algumas conclusões mais consistentes, mencionaremos primeiramente algumas das principais maneiras como tem sido interpretado o assunto e, então, procu-

raremos nos deter ao máximo no conceito bíblico e em suas implicações sobre outros aspectos da teologia bíblica.

Teorias Sobre a Presciência Divina

As várias teorias sobre a presciência divina podem ser reunidas em dois grupos principais: os que crêem na *presciência divina absoluta*, e os que advogam a *presciência divina relativa*, isto é, não absoluta. O primeiro grupo, que crê na presciência divina absoluta, pode ser dividido em dois subgrupos: um afirmando que a presciência divina não é *causativa* em si mesma, sendo, deste modo, compatível com o livre-arbítrio humano; e o outro, asseverando a presciência divina *causativa*, ou seja, que ela implica em predestinação absoluta ou determinismo, negando, portanto, o livre-arbítrio humano.

Entre os que crêem na presciência divina *absoluta e não-causativa*, encontra-se a maioria dos cristãos ortodoxos e fundamentalistas, entre os quais estão os Adventistas do Sétimo Dia. Eles afirmam que Deus prevê o futuro nos seus mínimos detalhes, bem como todas as ações dos seres livres, sem que isto implique em determinismo ou predestinação.

Já os que asseveram a predestinação divina *absoluta e causativa*, colocam grande ênfase sobre a "soberania de Deus",⁴ afirmando que todas as coisas ocorrem pela vontade divina. Seus maiores defensores são os seguidores da dupla predestinação de Calvino; porém, suas raízes já podem ser

encontradas em Santo Agostinho, segundo o qual, a graça divina é destinada àqueles a quem Deus escolhe. Ele, portanto, predestina aqueles que Ele quer predestinar, “para o castigo e para a salvação”. Sendo que o número em cada um dos casos está fixado.⁵

Do outro lado estão os que acreditam numa *presciência divina relativa*, ou seja, que Deus não conhece o futuro no sentido absoluto. Para estes o ponto crucial é que, “se Deus conhece todas as coisas de antemão, toda a liberdade de ação parece ser excluída”.⁶ “Foi essa dificuldade que levou Cícero, Marciano e os socinianos a negarem a presciência absoluta de Deus. Os jesuítas tentaram harmonizar a presciência divina e a liberdade humana por sua doutrina de um conhecimento médio (mediato); isto é, um conhecimento contingente do futuro; por exemplo, Deus conhece o que Ele irá fazer SE Davi for a Queila, e igualmente SE ele não for; etc. A teologia católica romana aceita este conhecimento mediato. Os arminianos e os luteranos não são hostis a ele. Agostinho e todos os teólogos reformados rejeitaram-no absolutamente.”⁷ Ainda entre os defensores dessa posição estão os que advogam a “Onisciência Aberta”, isto é, que Deus prevê o futuro apenas parcialmente — pelas conseqüências naturais de fatores presentes e passados, pelas Suas próprias ações (o que Ele há de fazer), e pelo fato de conhecer todas as opções disponíveis aos seres humanos; porém não as próprias ações livres.⁸ E o Dr. Herman Bavinck (1854-1921), um dos maiores teólogos reformados, esclarece que esta posição “está baseada sobre o conceito pelagiano do livre-arbítrio; e torna Deus dependente do homem”.⁹

Predestinação e Livre-Arbítrio

Predestinação e livre-arbítrio são dois conceitos aparentemente contraditórios. Como a Bíblia estabelece a ambos, não podemos advogar apenas um deles, em detrimento do outro; pois “quando argumentamos dedutivamente, com base na onisciência e na onipotência de Deus, o livre-arbítrio humano parece ser obliterado. Por outro lado, quando argumentamos dedutivamente, com base no livre-arbítrio humano, a presciência e o poder divino de determinar as ações parecem excluídos”.¹⁰ Assim surge a indagação: Até que ponto Deus determina os acontecimentos humanos, e até que ponto o homem é livre em suas ações?

A doutrina da predestinação calvinista “sustenta que desde toda a eternidade passada, todas as coisas foram ordenadas de antemão, de tal modo que elas terão de

ocorrer necessariamente dentro do tempo, incluindo a salvação final ou a reprobção final dos homens”.¹¹ Essa doutrina afirma ainda que Cristo morreu apenas pelos “eleitos de Deus”, para os quais a graça salvadora de Deus é concedida incondicionalmente; enquanto que para o restante da humanidade não há esperança de salvação.

A doutrina da predestinação nem sempre tem sido apresentada da mesma forma; porém, desde os dias da controvérsia com o arminianismo, duas concepções diferentes têm sido advogadas: o *supralapsarianismo* e o *infralapsarianismo*; a primeira afirmando que o primeiro pecado do homem, que o levou à queda, havia sido predestinado; e a segunda, que esse pecado de Adão foi meramente um objeto da presciência divina.¹² Em outras palavras, o *supralapsarianismo* acredita que o decreto da eleição precedeu à queda, ao passo que o *infralapsarianismo* “acredita que os indivíduos que foram vistos por Deus como ‘eleitos’, foram contemplados por Deus como membros de uma raça decaída. Em outras palavras, o decreto da eleição se seguiria logicamente, se não mesmo cronologicamente, à queda do homem no pecado”.¹³

Entretanto, o próprio relato da criação e da queda do homem, no livro de Gênesis, estabelece a doutrina do livre-arbítrio humano — de um lado está a ordem divina a Adão: “Da árvore da ciência do bem e do mal não comerás” (cap. 2:17), e do outro, a transgressão dessa ordem: “e ele comeu” (cap. 3:6). Este episódio demonstra claramente que as ordens divinas podem ser transgredidas por Suas criaturas dotadas de livre-arbítrio. Mesmo para Henrique Bullinger (1504-1575), o sucessor de Zuínglio, a predestinação da queda de Adão parecia irreconciliável com a justiça da punição do pecado.¹⁴ Isto faria de Deus um tirano arbitrário! E neste ponto surge mais uma indagação: “Uma vez que somos todos pecadores, por que uma pessoa deveria ser escolhida para honra e outra para desonra?”¹⁵

A dupla predestinação calvinista afirma que a graça salvadora de Deus é concedida apenas aos que Ele predestinou à salvação; porém o conceito bíblico não suporta esta posição. Isaías 55:1 diz: “Ah! todos vós os que tendes sede, vinde às águas...”, e Cristo ratifica essas palavras com o convite: “Vinde a Mim todos...” (S. Mat. 11:28), e ordena que as boas-novas da salvação devam ser pregadas “a toda criatura” (S. Marc. 16:15). A Bíblia aprofunda ainda mais esse conceito ao declarar que Deus

“deseja que todos os homens sejam salvos” (I Tim. 2:4), e que Ele não quer “que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II S. Ped. 3:9); e a ordem divina é: “Agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (Atos 17:30). “O convite a todos para que se arrependam seria um escárnio ao nome de Deus se os homens não se pudessem arrepender.”¹⁶ A Bíblia acrescenta, porém, que “Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável” (Atos 10:34 e 35).

Na verdade, “a predestinação pode apenas ser compreendida cristologicamente”.¹⁷ Porque o próprio Deus declara: “Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva.” Ezeq. 33:11. E I S. João 5:12 esclarece ainda mais este aspecto ao dizer que “aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida”. Neste sentido a eleição bíblica para a salvação é “em Cristo” (Efés. 1:4).

“Certas coisas foram decretadas pelo livre-arbítrio de Deus, e uma delas é a lei da escolha e suas conseqüências. Deus decretou que todo aquele que voluntariamente se entrega a Seu Filho Jesus Cristo na obediência da fé, receberá a vida eterna e se tornará filho de Deus. Decretou também que aqueles que amam as trevas e continuam em sua rebeldia contra a suprema autoridade do Céu, permanecerão em estado de alienação espiritual e sofrerão a morte eterna.”¹⁸

Por outro lado, a Bíblia não sanciona um livre-arbítrio tal como o que Pelágio defendia. Muito embora o homem tenha sido criado originalmente com livre-arbítrio pleno, ele o perdeu em grande proporção, devido ao pecado. O apóstolo S. Paulo declara que o homem natural é “prisioneiro da lei do pecado” (Rom. 7:23), e que ele não consegue fazer por suas próprias forças o bem, ainda que ele o queira, mas apenas o mal que não quer (Rom. 7:19). Mas ele acrescenta que “em Cristo” podemos ser livres “da lei do pecado” (Rom. 8:2); e o próprio Cristo afirmou que, “se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (S. João 8:36). Porém, mesmo estando “em Cristo”, há um aspecto sob o qual o cristão não é livre. No dizer de Lutero: “Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos.”¹⁹ (Ver I Cor. 9:19 e Rom. 13:8.) “O cristão não vive em si mesmo, mas em Cristo e no próxi-

mo. Em Cristo, pela fé, e no próximo, pelo amor. Pela fé o cristão se eleva até Deus e diante de Deus se curva pelo amor; mas sempre permanece em Deus e no amor divino.”²⁰

“Não é um decreto arbitrário da parte de Deus que veda o Céu aos ímpios; estes são excluídos por sua própria inaptidão para dele participar.”²¹ Mas, se Deus não quer que nenhum pereça, por que alguns se perderão? “Tudo depende da reta ação da vontade. O poder da escolha deu-o Deus ao homem; a ele compete exercê-lo. Não podeis mudar vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as suas afeições; mas podeis escolher servi-Lo. Podeis dar-Lhe a vossa vontade; Ele então operará em vós o querer e o efetuar, segundo o Seu beneplácito.”²²

Mas mesmo havendo gozado uma vez a salvação em Cristo, a Bíblia declara que essa eleição pode ser perdida (Heb. 6:4-6: “Foram iluminados e provaram o dom celestial... e caíram”); e o apóstolo S. Paulo, após declarar que ele havia sido “chamado pela vontade de Deus” (I Cor. 1:1 e 2), afirma que ele próprio poderia “ser desqualificado” (I Cor. 9:27).

Portanto, o livre-arbítrio do homem para escolher a salvação ou a perdição é uma das grandes ênfases bíblicas; pois, se o destino de cada indivíduo já estivesse determinado desde a eternidade, para a salvação ou para a perdição, a proclamação do evangelho perderia o seu sentido, os homens não seriam mais moralmente responsáveis, e Deus, em última análise, seria responsável pela perdição dos impenitentes, o que faria da punição do pecado — a cada um “segundo as suas obras” (Apoc. 20:12) — uma farsa e uma injustiça; pois tais obras teriam sido o resultado do desígnio divino. Isto é completamente contrário ao conceito bíblico!

A Presciência Divina e a Origem e a Existência do Mal

Neste ponto de nossas considerações surge outra indagação: Se a doutrina da dupla predestinação calvinista não satisfaz o conceito bíblico, como vimos anteriormente, não seria melhor admitirmos o conceito da presciência divina relativa, isto é, que Deus não conhece o futuro no sentido absoluto, para que possamos estabelecer a doutrina do livre-arbítrio humano, e para que Ele não seja responsável pelo pecado? — Antes de chegarmos às conclusões mais detalhadas sobre a presciência divina, analisaremos ainda o conceito da origem e da existência do pecado.

A Bíblia declara que o pecado se originou em Lúcifer, um ser perfeito que veio a rebelar-se contra Deus (Ezeq. 28:14 e 15; Isa. 14:12-15), o qual, após suscitar “peleja no Céu”, foi expulso (Apoc. 12:7-9). Posteriormente, ele induziu também os nossos primeiros pais ao pecado. O Espírito de Profecia diz a esse respeito, e com relação ao plano divino para a salvação do homem: “O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. ... Desde o princípio Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do homem mediante o poder enganador do apóstata. Deus não ordenou a existência do pecado. Previu-a, porém, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência.”²³ “Deus tinha um conhecimento dos eventos do futuro, mesmo antes da criação do mundo. Ele não fez Seus propósitos para se ajustarem às circunstâncias, mas permitiu que as coisas se desenvolvessem e surtisses efeito. Ele não agiu para produzir certas condições, mas sabia que tais condições iriam existir.”²⁴

Se Deus sabia, porém, de antemão, que Lúcifer e nossos primeiros pais cairiam em pecado, por que Ele os criou? — Cristo “sabia que Lúcifer procuraria tirar-Lhe a vida durante o Seu ministério terrestre e que finalmente conseguiria fazê-lo no Calvário. Sabia que Lúcifer tentaria induzi-Lo a abusar do poder de Seu Pai ou de Seu próprio poder. Ele sabia também a parte que seria desempenhada por homens e mulheres. Mas a eterna presciência de Cristo dos contínuos e definidos efeitos dos pecados dos outros sobre Ele foi superada por Seu eterno amor. Prosseguiu na criação dos anjos e do homem a despeito do terrível custo para Sua própria Pessoa.”²⁵

Mas, o fato de Cristo os ter criado, apesar de saber previamente que eles cairiam, não torna Deus, em última análise, o autor do pecado? — A questão básica na compreensão deste assunto é fazermos “a diferença entre *praescientia* e *praedestinatio*, isto é, entre a presciência e a eterna eleição de Deus. A presciência de Deus nenhuma outra coisa é senão isso que Deus sabe todas as coisas antes de acontecerem²⁶”, mas ela “não é causativa em si mesma”.²⁷

Deus é o autor de tudo que foi criado (Apoc. 4:11), mas não de tudo que existe; porque o pecado realmente existe, mas não foi criado. Segundo Bavinck, “o pecado de fato não tem origem, mas só um início”.²⁸ E Berckouwer acrescenta que “o pecado é presente e não tem direito de existir. Existe, e ninguém explica a sua origem. Entrou

sem motivo no mundo...”²⁹ Ele é bíblicamente descrito como o *mysterium iniquitatis* (“mistério da iniquidade” — II Tess. 2:7), por causa do seu “caráter sem sentido e sem motivo”,³⁰ “ilegítimo e injustificável”³¹ e “estranho, que não podemos discernir pela nossa inteligência humana e limitada”.³²

Ellen G. White afirma que “a existência do pecado é inexplicável”.³³ “O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se causa para a sua existência, deixaria de ser pecado.”³⁴ Para Kierkegaard, o pecado é uma posição, e está além da capacidade do pecador compreender o pecado. Se pudesse compreendê-lo, estaria acima dele. “O fato de que ele é compreendido significa precisamente que é negado.”³⁵

A razão por que Deus não pode ser responsabilizado pela queda de Suas criaturas, é a maneira como Ele as trata. A respeito de Lúcifer é dito que “Deus, em Sua misericórdia, suportou longamente a Satanás. ... Reiteradas vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrependesse e submetesse.”³⁶ Para Adão, segundo Gerhard von Rad, “a própria proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento é resultado da solicitude de Deus, pois se comesse desses frutos o homem se destruiria”.³⁷ E para a pecadora raça humana, Deus não somente proveu o plano da redenção, como também é concedido um tempo de graça a cada pecador, durante a sua existência.

E Berckouwer conclui: “A respeito da *praescientia Dei* foi esclarecido que esta não é a causa do mal, e também sobre o pecado hereditário foi dito que Deus não é seu autor, e tudo isto é concebido sem mais *extra conversiam*, afirmando-se que Deus não nos torna pecaminosos, pois a nossa natureza corrupta é obra de Satanás.”³⁸ Crer numa presciência divina relativa, como o “conhecimento mediato” ou a “onisciência aberta”, apenas põe o problema um pouco mais distante, mas não o soluciona. “O problema que sempre surgiu não foi originado por nossa falta de visão dos caminhos de Deus, mas está relacionado com o fato de que se trata aqui do *pecado*, que nunca pode ser posto ou visto numa relação lúcida sem lançar sombras sobre a glória de Deus.”³⁹

Mas, apesar de o pecado ser um mistério, a grande realidade da “ação vitoriosa de Deus sobre o pecado”⁴⁰ permanece como ponto crucial da história salvífica. A doutrina da “onisciência aberta” admite a

possibilidade de surgir uma nova rebelião, após a final erradicação do pecado;⁴¹ mas a Bíblia assegura que “não se levantará por duas vezes a angústia” (Naum 1:9), e o Espírito de Profecia confirma estas palavras ao declarar que “a rebelião não se levantará segunda vez. Jamais poderá entrar o pecado no Universo. Todos estarão por todos os séculos garantidos contra a apostasia”.⁴² E a garantia contra uma nova rebelião está na morte de Cristo sobre a cruz do Calvário. “Quando Satanás for destruído, não existirá alguém para tentar ao mal; a expiação jamais precisará ser repetida; e não haverá o perigo de outra rebelião no universo de Deus. Aquilo unicamente que pode de maneira eficaz afastar do pecado neste mundo de escuridão, irá impedir o pecado no Céu. O significado da morte de Cristo será compreendido pelos santos e pelos anjos.”⁴³

A Presciência Divina e as Profecias Bíblicas

As profecias bíblicas têm sido consideradas “o diapasão da Bíblia — sua grande, dominante nota do Gênesis ao Apocalipse”;⁴⁴ porque cerca de um terço da Bíblia está relacionado com profecias.⁴⁵

A literatura profética da Bíblia, essencialmente, tem sido classificada em dois grandes grupos: 1) *Profecia geral*, como por exemplo a que pode ser encontrada em Isaías, Jeremias, Amós, etc.; e 2) *profecia apocalíptica*, como de Daniel.⁴⁶ Porém, neste estudo, para melhor compreensão, analisaremos as profecias bíblicas sob três aspectos diferentes, muito embora possam estar relacionados em alguns pontos: 1) *Profecias condicionais*; 2) *profecias incondicionais*; 3) *profecias messiânicas*.

As profecias condicionais são aquelas profecias dos profetas hebreus, especialmente, nas quais o elemento humano está diretamente envolvido num relacionamento de concerto. Este relacionamento de concerto envolve pelo menos duas partes — de um lado aparece a parte divina, e do outro, a parte humana. Para que tais profecias se cumpram, é necessário que ambas as partes cumpram a expectativa do concerto; se uma parte falhar, a profecia não encontra o seu pleno cumprimento previsto. Nestas profecias, Deus sempre cumpre as expectativas do concerto; portanto, o seu cumprimento final depende de o homem também cumprir a sua parte do concerto. Um exemplo clássico das profecias condicionais encontramos na pregação de Jonas em Ninive, que dependia da resposta dos ninivitas ao chamado ao arrependimento. Em Isaías

58:13 e 14 encontramos bem vívida a condicionabilidade da promessa divina: “Se desviars o teu pé de profanar o sábado...; então te deleitarás no Senhor.” Iguamente a promessa da salvação individual repousa sob a condição de termos a Cristo (I S. João 5:12).

Por profecias *incondicionais* subentendemos as profecias preditivas ou apocalípticas, que, muito embora encontrem o seu cumprimento ao longo da história humana, não dependem diretamente do elemento humano; isto é, não estão baseadas num relacionamento de concerto. “A profecia apocalíptica realça o fato de que Deus está no comando e a história da salvação avança de acordo com a Sua presciência... A literatura apocalíptica tem em torno de si uma incondicionalidade e inevitabilidade que confere a suas predições um aspecto absoluto... Não importa o que façam os poderes do mal, o bem irá triunfar de acordo com a presciência de Deus.”⁴⁷ Um exemplo clássico destas profecias encontramos em Daniel 2, onde o curso da história humana desfila diante do profeta, até o seu fim, com a implantação do reino de Deus na Terra.

Aparentemente, essas profecias suportam a idéia da presciência relativa, mas se as investigarmos em profundidade, tal posição não pode ser mantida. As profecias incondicionais, dado o seu cumprimento incondicional, suportam apenas duas possibilidades: ou Deus destinou todo o curso da História, ou Ele o anteviu, e então o revelou aos profetas; mas mesmo neste caso, não podemos nos esquecer de que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Dan. 4:25). Porque a alegação de que Deus podia predizer o futuro da História, com base nos fatores já existentes na época em que a profecia foi revelada,⁴⁸ deixa muito a desejar; pois prever o curso da história humana por cerca de quinze séculos, como é o caso das profecias de Daniel, exige muito mais fé do que crer que Deus tem a capacidade de o antever pela Sua presciência.

Como vimos anteriormente, Deus apenas predestina o bem; ao passo que a atuação do mal, Ele apenas antevê. E neste ponto surgem algumas indagações: Será que durante o ministério profético de Isaías já existiam fatores que permitiam predizer a atuação, bem como o fato de que o indivíduo pagão que tomaria Babilônia e libertaria o povo judeu do cativeiro receberia o nome de “Ciro”, aproximadamente 150 anos depois? (Isa. 44:28; 45:1-6). Será que todos os mínimos detalhes proféticos que encontramos em Jeremias 50 e 51, sobre a queda de Babilônia, foram previstos como decor-

rência de fatores naturais já existentes? — Há apenas duas opções satisfatórias: estas profecias, ou são fruto de uma presciência divina; ou os instrumentos humanos não foram completamente livres em suas ações, pois estas já estavam determinadas. E ainda, será que ao tempo da segunda visão de Daniel (c. 551 A.C.) já existiam fatores determinantes, pelos quais podia ser prevista a atuação histórica de Alexandre o Grande, e especialmente o fato e que ele morreria repentinamente no auge do seu poder em 323 A.C. (Dan. 8:5-8) e que o seu sucessor não conseguiria manter o império unido (Dan. 8:8)?

Surgem também no cenário bíblico as profecias messiânicas, as quais, muito embora consideremos como fazendo parte das profecias cujo cumprimento é incondicional, analisaremos particularmente. Estas profecias têm sido classificadas em dois grupos principais: as que tratam do Messias como Servo Sofredor, e as que tratam a respeito do Messias Triunfante, isto é, da glória messiânica. Quanto à Sua missão como Servo Sofredor, a Bíblia descreve os Seus sofrimentos e a Sua morte como o cumprimento do “*determinado desígnio e presciência de Deus*” (Atos 2:23). Neste caso, por que a Bíblia não fala apenas em desígnio, mas acrescenta também o cumprimento da presciência divina? — Porque ambas não são a mesma coisa, nem o poderiam ser; pois a Bíblia não descreve apenas a atuação divina em relação à morte de Cristo (desígnio), como também o papel que os poderes do mal iriam desempenhar (presciência), o qual não foi predestinado por Deus, pois neste caso Ele estaria predestinando o mal, o que não é compatível com o Seu caráter. Os detalhes das profecias messiânicas que descrevem a atuação dos poderes do mal, através de instrumentalidades humanas, só podem ser explicados a contento como tendo sido fruto da presciência divina absoluta e não causativa.

Será que no tempo de Davi já existiam fatores pelos quais podia ser predito que um “amigo íntimo” do Messias, que com Ele comia do Seu pão, O trairia? (Sal. 41:9; 55:12-14; cf. S. Mat. 26:20-25.) Baseado em que Cristo pôde declarar antecipadamente que Pedro O havia de negar “três vezes” antes que o galo cantasse? (S. Mat. 26:33; cf. S. Mat. 26:69-75.) E quanto às “trinta moedas de prata” que o traidor iria arrojear “ao oleiro na casa do Senhor”? (Zac. 11:12 e 13; cf. S. Mat. 27:3-10.) Será que cerca de um milênio antes de ocorrer, já existiam fatores que possibilitavam predizer que as vestes de Cristo seriam repartidas pelos

soldados, e que sobre a Sua túnica lançariam sortes? (Sal. 22:18; cf. S. Mat. 27:35.) O Salmo 22, que tem sido considerado “o Salmo da Cruz”, apresenta detalhes surpreendentes. A origem da crucifixão como modo de execução não é clara. Mas sabemos que “já os persas e certas tribos bárbaras, como os citas, durante a segunda metade do último milênio antes de Cristo, podem ter introduzido esta forma cruel de dar morte a uma pessoa”.⁴⁹ Também para os judeus a crucifixão era desconhecida antes do cativeiro babilônico. “Os judeus executavam seus criminosos por apedrejamento. A crucifixão era um costume romano e grego; porém os impérios grego e romano não existiam no tempo de Davi. Não obstante, encontramos aqui uma profecia escrita 1.000 anos antes do nascimento de Cristo, por um homem que jamais viu ou ouviu falar de tal método de punição capital como a crucifixão.”⁵⁰ (Sal. 22:16 — “*traspasaram-Me as mãos e os pés*”). Mas já na própria serpente que Moisés erigiu no deserto, encontramos um tipo da morte do Messias (Núm. 21:8 e 9; cf. S. João 3:14). E o próprio capítulo 53 de Isaías parece ter sido escrito ao pé da cruz de Cristo.⁵¹

Quanto às profecias que falam do triunfo do Messias sobre a morte, a Bíblia não fala em termos de possibilidades, mas de realidades. O próprio Cristo declarou que Ele ressuscitaria ao terceiro dia (S. Mat. 16:21; 17:23; 20:19; etc.). É certo que Cristo poderia ter fracassado em Sua missão; mas Deus em Sua presciência viu que isto não ocorreria, daí a forma enfática como são enunciadas essas profecias.

Afirmamos anteriormente que a presciência divina absoluta não é causativa; e isto transparece claramente nas predições concernentes à segunda vinda de Cristo. A Bíblia faz o tempo em que esse evento ocorrerá depender da atuação humana com respeito à proclamação do evangelho (S. Mat. 24:14) e à aceitação prática do evangelho na vida dos crentes (II S. Ped. 3:9); e o aspecto condicional do tempo para que esse evento ocorra é mais do que reforçado em II S. Ped. 3:12, ao declarar que pela atuação humana positiva, esse dia pode ser apressado. E a Sra. White já afirmou em 1903 que, “se o povo de Deus houvesse mantido viva ligação com Ele, se Lhe houvessem obedecido à Palavra, estariam hoje na Canaã celestial”.⁵² Mas, por outro lado, o próprio Cristo declarou que Deus, o Pai, sabe o dia e a hora em que esse evento ocorrerá (S. Mat. 24:36). Se adotarmos a posição da presciência divina relativa, isto é, que Deus não conhece absolutamente os

atos livres dos homens antes que realmente ocorram, nós encontraremos aqui, não apenas uma tensão, como uma contradição; e para solucionarmos esse problema, teremos de ofuscar uma das partes — ou teremos de declarar que esse evento é um ato divino cujo tempo independe da atuação humana, ou teremos de negar que Deus realmente o saiba. E a questão torna-se ainda mais difícil ao considerarmos que a declaração de Cristo, afirmando que Deus sabe o tempo exato para esse evento, antecede a afirmação de II S. Pedro 3:12, sobre a possibilidade humana de apressar esse evento. Aceitarmos que a presciência divina é absoluta e não causativa, não é apenas uma possibilidade para solucionarmos o problema, mas é a única solução satisfatória para essa tensão. Caso contrário, teremos de encarar este aspecto da tensão sobre a segunda vinda de Cristo da mesma maneira como a doutrina da “onisciência aberta” considera a tensão que aparece no Espírito de Profecia, sobre o fato de Deus saber anteriormente da apostasia de Lúcifer e da queda do homem, como uma contradição, cuja parte que mais lhe convém e que melhor se adapte ao esquema teológico estabelecido é afirmada, negando-se a veracidade absoluta do conceito que a outra apresenta. Da perspectiva do livre-arbítrio humano é dito que “se o homem fosse desleal a Deus...”;⁵³ e da perspectiva da presciência divina é declarado que “desde o princípio (isto é, antes que ocorresse) Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do homem... Previu-a...”⁵⁴ Para uma fiel exegese, tanto do texto bíblico, como do Espírito de Profecia, não podemos estabelecer um conceito negando o outro. Para aqueles que não conseguem conviver com uma tensão teológica, esse pode parecer o caminho mais fácil, mas não é o mais fiel e seguro.

Afirmar que “a própria visão de Ellen White da relação de Deus com o tempo pode não ser precisamente o que a linguagem empregada” em certas partes dos seus escritos dê a entender, e que ela apenas usou “a linguagem e os conceitos da teologia convencional para fazer um ponto de apoio”, mas que esta não expressava claramente a sua idéia geral,⁵⁵ é negar a inspiração dos escritos de Ellen G. White, surgindo assim a necessidade de uma espécie de *demitologização* do Espírito de Profecia.

A Presciência Divina e as Visões Proféticas

Ainda dentro do contexto profético, podemos destacar um aspecto muito impor-

tante, que são as revelações divinas quanto ao futuro, sob a forma de visões proféticas. Este talvez seja o aspecto no qual transparece mais claramente a extensão e abrangência da presciência divina. Segundo Gerhard von Rad, numa visão o profeta “vê toda a história do mundo desfilar como um filme diante de seu espírito”.⁵⁶ Em outras palavras, numa visão imediata o profeta antevê eventos longínquos, tanto da ação divina, como da atuação humana e da influência dos poderes do mal na História. Se analisarmos detidamente as visões proféticas, não poderemos chegar a outra conclusão senão que, ou todas as coisas, tanto o bem como o mal, estão predestinadas por Deus, ou Deus conhece todas as coisas futuras absolutamente, sem que isto implique em predestinação e determinismo. E, pelas razões anteriormente apresentadas, não podemos crer numa predestinação absoluta, mas apenas numa presciência divina absoluta e não causativa.

No escopo das sete cartas profético-apocalípticas de Cristo às sete igrejas da Ásia Menor, não cabe a idéia de que Deus não conhece o futuro nos seus mínimos detalhes. Pelo contrário, na freqüente expressão “conheço as tuas obras” (Apoc. 2:2, 19, etc.) transparece claramente o aspecto absoluto da presciência divina não causativa, pois nelas aparecem igualmente reprovações a essas obras previamente conhecidas, dos vários períodos proféticos da história da Igreja cristã através dos séculos. Não apenas os aspectos simbólicos do Apocalipse confirmam este aspecto, mas também as visões concretas da “grande multidão” (cap. 7:9 ss.), e quando o apóstolo João antevê “os vencedores” (cap. 15:2), bem como “os mortos” ímpios diante do juízo divino (cap. 20:12).

Também nas visões dadas à Sra. White sobre as glórias da era vindoura, ela viu os 144.000 receberem “os amigos que deles tinham sido separados pela morte”,⁵⁷ e ainda mais, ela declara que no lar celestial teve o privilégio de ver “mesas de pedra, em que estavam gravados com letras de ouro os nomes dos 144.000”.⁵⁸ Tais visões, tanto as do apóstolo João como as de Ellen G. White, apresentam aspectos futuros da salvação que ainda não estavam definidos no tempo em que foram concedidas, como é o caso dos 144.000, que é um grupo cuja definição ainda está no futuro, pois depende do livre-arbítrio humano.

E o Espírito de Profecia declara também que a Adão foi concedida uma visão panorâmica do futuro, na qual ele pôde ver vários aspectos que tomariam lugar na histó-

ria humana.⁵⁹ Igualmente Cristo, antes de Sua encarnação, viu todos os acontecimentos que marcariam o Seu ministério terrestre, "toda angústia ..., todo insulto ..., toda privação" que Lhe caberia suportar.⁶⁰ E a presciência divina absoluta transparece também na descrição do conhecimento prévio que Deus tinha de Jacó e Esaú, os dois irmãos gêmeos. "Deus conhece o fim desde o princípio. Sabia, antes do nascimento de Jacó e Esaú, que caracteres iriam desenvolver. Sabia que Esaú não teria um coração obediente a Ele."⁶¹

Para termos, porém, melhor compreensão da onisciência e da presciência divinas, não podemos deixar de considerar algumas visões de Ellen G. White, que são descritas no livro *Crede em Seus Profetas*. Pouco depois de sua chegada à Austrália, em dezembro de 1891, a Sra. White teve uma visão, na qual via o Sr. N. D. Faulkhead, um comerciante de muito êxito, que era também líder em cinco ou mais sociedades secretas. Depois dessa visão a respeito dele e outro, ela se sentou e escreveu o caso do irmão Faulkhead em cerca de 50 páginas, com muitos pormenores. Quando ela quis colocar a mensagem no correio, isto lhe foi impedido. Cerca de doze meses mais tarde, quando ela voltou a Melbourne, no dia 13 de dezembro de 1892, teve uma entrevista com o irmão Faulkhead, na qual ela lhe apresentou a mensagem contida no manuscrito que descrevia a visão recebida a seu respeito um ano antes. Entre outras coisas, a Sra. White havia descrito exatamente a atitude das pessoas presentes naquelas reuniões secretas a que ele vinha assistindo, o que dissera nessas reuniões, onde se sentava, a espécie de assento em que se sentara, e outros pormenores, os quais, confessou ele, só podiam ser descritos com tanta exatidão por Deus, através de Sua fiel mensageira.⁶²

Talvez a visão mais impressionante a esse respeito seja a que a Sra. White teve no dia 3 de novembro de 1890, em Salamanca, Nova Iorque, na qual ela viu uma reunião de um pequeno grupo de homens que havia de se realizar a uns quatro meses mais tarde, na noite de 7 de março de 1891. Nesta visão, ela viu um homem erguer-se e levantar um exemplar do *American Sentinel*, bem alto no ar, e apontar a vários artigos, declarando que assuntos tais como o sábado e a segunda vinda de Cristo não deviam achar lugar num jornal que servia de portavoz à Associação de Liberdade Religiosa. Por várias vezes a Sra. White começou a contar o que vira na visão, mas cada vez ela vacilava, e não podia lembrar um único

pormenor a respeito; até que no domingo pela manhã, 8 de março de 1891, ela descreveu nos seus mínimos detalhes a visão que tivera quatro meses atrás, e que era uma descrição fiel dessa reunião estritamente secreta, que um pequeno grupo de homens fizera na noite anterior, no escritório da *Review and Herald*.⁶³ Isto nos pode levar apenas a uma única conclusão: Deus sabe todos os detalhes do futuro, com tal precisão, porque a presciência divina é absoluta, e não causativa.

Considerações Adicionais

A doutrina da presciência divina relativa se propõe a solver algumas tensões teológicas com as quais a teologia tradicional tem convivido por séculos; porém, nessa tentativa, surgem tensões ainda maiores e incompatíveis com certos aspectos da revelação divina.

A transcendência de Deus é um fato absoluto, e, para conhecê-Lo, a filosofia e a lógica humana não são suficientes; porque as limitações da natureza humana, não apenas limitam a nossa capacidade de compreensão, mas limitam o próprio grau da revelação divina (S. João 16:12). E Deus não pode ser limitado dentro de um esquema teológico; porque Ele é aquilo que revela a respeito de Si mesmo, e muito mais. "O homem como homem não tem acesso à vida interior de Deus, nenhum conhecimento do ser essencial de Deus. Teologia não é um estudo de 'Deus em Si mesmo', mas de 'Deus como Se tem revelado'."⁶⁴ E neste ponto cabe a clássica diferenciação entre o Deus *absconditus* e o Deus *revelatus*; entre aquilo que Ele é em essência, e aquilo que Ele pode revelar a respeito de Si mesmo, devido às limitações que nos são impostas pela nossa natureza humana pecaminosa. E Deus revela aos homens certos aspectos de Sua própria natureza e com respeito ao futuro em proporções limitadas àquilo que interessa à salvação histórica e individual dos pecadores. A respeito daquilo que transcende essa revelação divina, não nos compete especular (Deut. 29:29).

Na verdade, a doutrina da "onisciência aberta" confunde o interesse divino do futuro com a ignorância divina em relação ao futuro; ou seja, para que Deus Se interesse no futuro de Suas criaturas livres, é necessário que este esteja indefinido aos Seus olhos.⁶⁵ Tal dedução pode ser considerada simplesmente como uma visão antropomórfica de Deus; pois o fato de um professor prever que um de seus alunos não será aprovado no final do ano letivo, não é sinônimo de que ele perca o interesse e passe a

negligenciar tal aluno, salvo se for um mau professor; pelo contrário, na maioria das vezes maior atenção lhe é ainda dispensada. Assim Deus, apesar de conhecer previamente todas as coisas, não perde o Seu interesse com os seres humanos, mas continua a fazer com que o Seu Sol nasça "sobre maus e bons" e com que a chuva venha "sobre justos e injustos" (S. Mat. 5:45). Não! Ele não apenas pode nos socorrer após haveremos sofrido um acidente automobilístico, mas Ele já nos prepara antecipadamente para as crises que sobre nós poderão abater-se, de forma que as provações da vida não ultrapassem as nossas forças (I Cor. 10:13).

A presciência divina relativa cria também um problema existencial — não podemos confiar plenamente em Deus, pois Ele pode ser surpreendido em alguns aspectos, como é o caso de um acidente automobilístico, para o qual não existem fatores que possam determinar previamente, na maioria dos casos, o que é resultante de atitudes e reflexos momentâneos. E neste caso, Deus seria injusto ao permitir que os pecadores impenitentes morressem perdidos, ainda em tenra idade, sendo que eles poderiam arrepender-se posteriormente, o que, segundo a doutrina da "onisciência aberta", Deus não pode saber com segurança, mas apenas as possibilidades. Mas para que Ele soubesse todas as possibilidades que tal indivíduo teria, seria necessário que conhecesse absolutamente as ações e atitudes dos outros seres livres que com ele viessem a se relacionar, e que seriam os instrumentos para lhe estenderem o chamado à salvação, o que por sua vez também são ações livres.

Através das profecias bíblicas não podemos conceber a idéia de um Deus que adivinhou a atuação futura do mal em seus mínimos detalhes, e acertou; pois Deus não trata com possibilidades apenas, mas com realidades. A Bíblia não afirma que Deus anuncia desde o princípio "o que pode acontecer", mas "o que há de acontecer" (Isa.46:10). Se Deus não conhece os detalhes das livres ações futuras, teremos que admitir necessariamente que os detalhes que foram profeticamente apontados, são frutos da predestinação divina, tanto para a perdição (como o papel que Judas desempenharia), como para salvação; o que não é compatível com o caráter divino.

Será que o Deus que teve poder para criar seres livres "do nada" (*ex-nihilo*), não teria poder para conhecer antecipadamente as suas ações? A resposta para esta pergunta encontramos no Salmo 139, onde le-

mos: "Senhor, Tu me sondas e me conheces... De longe penetras os meus pensamentos." "Ainda a palavra me não chegou à língua, e Tu, Senhor, já a conheces toda." "Os Teus olhos me viram a substância ainda informe, e no Teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado (aos olhos de Deus), quando nem um deles havia ainda." Versos 1,4 e 16. Na verdade, se a minha perspectiva futura é limitada, isto não implica em que a de Deus também o seja; porque Deus não está limitado pelo tempo (II S. Ped. 3:8), e Ele "não vê como vê o homem" (I Sam. 16:7).

A doutrina da "onisciência aberta" não apenas supervaloriza o livre-arbítrio humano, em detrimento da presciência divina, como ainda faz uma interpretação parcial do conceito bíblico. Assim como não é correto indagarmos: "Jesus Cristo é divino ou humano?", porque Ele é ambas as coisas; não é correto perguntarmos: "A presciência divina é absoluta ou o homem possui livre-arbítrio?", porque ambos os conceitos são firmemente estabelecidos biblicamente, e não podemos ser parciais. A pergunta que deve ser feita ao tratarmos da presciência divina é se ela é causativa, ou não.

"Os falsos profetas discursam somente em termos gerais e em linguagem ambígua. Suas declarações podem ter os mais contraditórios significados... A clareza e plenitude das declarações proféticas podem ser consideradas unicamente como uma revelação do Deus onisciente... As predições divinas são claras em suas anunciações. Não há ambigüidade, nem duplo significado... Ninguém é deixado em dúvida, quer o evento a ocorrer seja favorável, quer desfavorável. Ninguém é deixado em dúvida sobre qual o lugar ou o povo que é o objetivo principal da profecia. Neste caso (Ezeq. 26:7-14) cada circunstância é narrada com tantos e minuciosos detalhes como se fosse uma parte de história ocorrida diante dos olhos do narrador... As predições de Deus sempre se cumprem. Pois para Deus não existe futuro. Ele vê coisas distantes como se estivessem próximas. Olhando através da perspectiva dos séculos, Ele percebe como cada evento desponta do evento que o precede."⁶⁶ Mas a "Sua presciência... não envolve qualquer força posta sobre a vontade humana".⁶⁷ "A presciência não é causativa em si mesma. Ela não pode ser confundida com a vontade predeterminante de Deus. As ações livres não ocorrem porque são previstas, mas elas são previstas porque irão ocorrer."⁶⁸ E Deus "não somente

conhece antecipadamente os motivos que irão ocasionar os atos dos homens, mas prevê diretamente os próprios atos".⁶⁹

Contra a doutrina da presciência divina relativa, "nós incitamos não apenas a nossa convicção fundamental da perfeição de Deus, mas também o constante testemunho das Escrituras. Em Isaías 41:21 e 22, Deus faz de Sua presciência a prova de Sua divindade na controvérsia com os ídolos. Se Deus não pode prever os atos humanos livres, então 'o Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo' (Apoc. 13:8) era apenas um sacrifício a ser oferecido caso Adão fosse cair, não sabendo Deus se ele iria ou não cair; e caso Judas viesse a trair a Cristo, não sabendo Deus se ele iria ou não fazê-lo. Sem dúvida, visto que o curso da Natureza é mudado pela vontade do homem quando ele queima cidades e derruba florestas, Deus não pode nesta teoria predir mesmo o curso da Natureza. Todas as profecias são, portanto, um protesto contra essa visão".⁷⁰

Na verdade, a Bíblia diz que Deus é "perfeito em conhecimento" (Jó 37:16) e "conhece todas as coisas" (I S. João 3:20), inclusive "o que há de acontecer" (Isa. 46:10). E neste ponto a razão humana deve prostrar-se ante a onisciência divina e declarar: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!" Rom. 11:33.

Referências

1. A posição de Pelágio "é bem expressa na frase: 'Se eu devo, eu posso'. Sua atitude era a de ética estoica popular". — Williston Walker, *História da Igreja Cristã* (Rio de Janeiro, JUEP-ASTE, 1980), pág. 240.
2. *Livro de Condição — As Confissões da Igreja Evangélica Luterana* (São Leopoldo, Ed. Sinodal, Ed. Condição, 1980), págs. 497 e 660-678.
3. Williston Walker, *op. cit.*, pág. 236.
4. Este aspecto é muito enfatizado por A. W. Pink, em seu livro *Deus é Soberano* (Atibaia, Ed. Fiel, 1977).
5. Williston Walker, *op. cit.*, pág. 236.
6. Herman Bavinck, *The Doctrine of God* (Edimburgo, The Banner of Truth Trust, 1979), pág. 189.
7. *Ibidem*. Ver também Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Edimburgo, The Banner of Truth Trust, 1976), págs. 66-68.
8. Richard Rice, *The Openness of God* (Washington, D. C., Review and Herald Publ. Ass., 1980), págs. 47 e 48.
9. Herman Bavinck, *op. cit.*, pág. 189.
10. Sanday, Citado por Russell Norman Champlin, em *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (Guaratinguetá, A Voz da Bíblia, s. d.), vol. 3, pág. 727.
11. Russell Norman Champlin, *op. cit.*, vol. 3, pág. 753.
12. Louis Berkhof, *op. cit.*, pág. 118.

13. Russell Norman Champlin, *op. cit.*, vol. 3, pág. 753.
14. Philip Chaff, Citado por Modesto Marques de Oliveira, em *História das Religiões Contemporâneas* (São Paulo, IAE, s. d.), pág. 9.
15. J. Ivan Crawford, *Buscando a Glória de Deus — Lição da Escola Sabatina*, abril-junho de 1982, ed. do professor, pág. 60.
16. Pedro Apolinário, *Análise de Textos Bíblicos de Difícil Interpretação* (São Paulo, IAE, 1980), vol. 1, pág. 19.
17. G. C. Berkouwer, *Faith and Justification* (Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publ. Comp., 1979), pág. 184.
18. A. W. Tozer, *Mais Perto de Deus* (São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1980), pág. 132.
19. Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã* (São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1979), pág. 9.
20. *Idem*, pág. 48.
21. Ellen G. White, *Caminho Para Cristo*, pág. 17.
22. *Idem*, pág. 42.
23. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 17 e 18.
24. Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.082.
25. Norman R. Gulley, *O Sacrifício Expiatório de Cristo — Lição da Escola Sabatina*, janeiro-março de 1983, ed. do professor, pág. 5.
26. *Livro de Condição*, pág. 532.
27. Augustus H. Strong, *Systematic Theology* (Valley Forge, PA., Judson Press, 1979), pág. 286.
28. Citado por G. C. Berkouwer, em *Doutrina Bíblica do Pecado* (São Paulo, ASTE, 1970), pág. 79.
29. G. C. Berkouwer, *Doutrina Bíblica do Pecado*, pág. 50.
30. *Idem*, pág. 112.
31. *Idem*, pág. 44.
32. *Idem*, pág. 107.
33. Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obedientes Evangélicos*, pág. 265.
34. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 496.
35. Soren Kierkegaard, Citado por William E. Hulme, em *Dinâmica da Santificação* (São Leopoldo, Ed. Sinodal/C. P. Condição, 1976), pág. 21.
36. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 498. Ver também *Patriarcas e Profetas*, capítulo "Por Que Foi Permitido o Pecado?"
37. Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento — Teologia das Tradições Históricas de Israel* (São Paulo, ASTE, 1973), vol. 1, pág. 156.
38. G. C. Berkouwer, *Doutrina Bíblica do Pecado*, pág. 28.
39. *Idem*, pág. 48.
40. *Idem*, pág. 28.
41. Richard Rice, *op. cit.*, pág. 54.
42. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 22.
43. Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1.132.
44. Herbert Lockyer, *All the Messianic Prophecies of the Bible* (Grand Rapids, Zondervan Publ. House, 1980), pág. 16.
45. *Idem*, pág. 15.
46. *O Ministério Adventista*, março-junho de 1981, pág. 23.
47. *Ibidem*.
48. Richard Rice, *op. cit.*, pág. 64.
49. Siegfried H. Horn, "Sentença: Morte de Cruz" — *O Atalaia*, abril de 1981, pág. 5. Ver também Martin Henger, *Crucifixion* (Filadélfia Fortress Press, 1977), págs. 22 ss.
50. Herbert Lockyer, *op. cit.*, pág. 150.
51. Para um estudo mais detalhado sobre as profecias messiânicas a respeito da morte de Cristo, ver Herbert Lockyer, *op. cit.*, cap. 8: "Prophecies of His Death."
52. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 694.
53. Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.070.
54. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 17 e 18.
55. Richard Rice, *op. cit.*, pág. 92.
56. Gerhard von Rad, *op. cit.*, vol. 2, pág. 315.
57. Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, pág. 16.
58. *Idem*, pág. 19.
59. Ellen G. White, *História da Redenção*, págs. 48-50.
60. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 396.
61. Ellen G. White, *História da Redenção*, pág. 87.
62. Denton E. Rebok, *Crede em Seus Profetas* (Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1967), págs. 97-106.
63. *Idem*, págs. 73-76.
64. Leon Morris, *I Believe in Revelation* (Londres, Hodder and Stoughton, 1976), pág. 11.
65. Richard Rice, *op. cit.*, pág. 80.
66. *The Pulpit Commentary* (Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publ. C., 1962), vol. 12 — Ezequiel II, pág. 77.
67. *Idem*, vol. 18 — Act 1, pág. 52.
68. Augustus H. Strong, *op. cit.*, pág. 286.
69. *Idem*, pág. 284.
70. *Idem*, pág. 285.

ÍNDICE DE 1984

Assuntos

Adventistas, Os ... Podem Ser Evolucionistas?
 Ao Começar um Novo Dia
 Apascente os Cordeiros, Não as Girafas
 Arrebatamento "Secreto", O ... é a Bendita Esperança?
 Atualidade, A ... de Respeito de Ebla
 Autoridade, A ... de Deus e a Igreja
 Campanha Evangelística Nacional da Colômbia, A

Meses

Mar-Abr
 Jan-Fev
 Mai-Jun
 Mai-Jun
 Mar-Abr
 Mai-Jun
 Jan-Fev

Pág.

3
 8
 9
 18
 13
 5
 4

Assuntos	Meses	Pág.
Cerimônia Fúnebre, Invertendo a ...	Jul-Ago	13
Cinco Faces da Esposa do Pastor	Nov-dez	10
Como Pregiar de Tal Modo que Ninguém se Converta	Mai-Jun	21
Contaminação, A ...	Mai-Jun	16
	Jul-Ago	17
Criação, Evolução ou Outras Teorias	Set-Out	14
Cristo no Lugar Santo	Mai-Jun	11
Cuidado, O ... dos Recém-Nascidos	Jan-Fev	5
Custo, O ... Elevado do Evangelismo	Jan-Fev	3
Dádiva, A Perpétua ... de Deus ao Homem	Jul-Ago	20
Ebla, A Atualidade a Respeito de ...	Mar-Abr	13
Ellen G. White, Quem Lê ...?	Jul-Ago	4
Em Busca da Bala de Prata	Set-Out	7
Esposa do Pastor, Cinco Faces da...	Nov-Dez	10
Evangelho, O... da Saúde	Mar-Abr	10
Evangelismo	Jan-Fev	3
Evidências da Criação	Set-Out	11
Evidências de um Dilúvio Mundial	Set-Out	9
Evolução, A... em Confronto com o Cristianismo	Set-Out	17
"Falai Benignamente a Jerusalém"	Jul-Ago	7
Graça, A... da Lei	Jan-Fev	20
Homem de Deus, O... Esteve em Meu Lar	Mai-Jun	4
Igreja, A... é Enfadonha	Jul-Ago	3
Igreja, A... e Israel em Romanos 9-11	Jan-Fev	17
Invertendo a Cerimônia Fúnebre	Jul-Ago	13
Isto Realmente Tem Importância?	Set-Out	3
Lei, A Graça da...	Jan-Fev	20
Lembre-se de Southview!	Mai-Jun	3
Ligado nos Céus	Mar-Abr	19
Mantendo-se Como o Número Um	Jul-Ago	23
Ministério, Um... Mais Elevado	Jan-Fev	10
Mordomia, O Ministério do Ensino Individual e Coletivo da...	Jan-Fev	10
Não Mais "Caixas de Culpa"!	Jul-Ago	14
Nossa Herança Profética	Mar-Abr	16
Orações da Casa Pastoral	Nov-Dez	13
"Pastor, Eu o Amo!"	Nov-Dez	5
Perdão, Israel!	Nov-Dez	3
Presciência Divina, A... — Relativa ou Absoluta?	Nov-Dez	13
Quanto Vale Uma Alma?	Nov-Dez	8
Quem Lê Ellen G. White?	Jul-Ago	4
Respostas às Principais Objeções Contra a Criação	Set-Out	21
Revolução de Darwin, A...	Set-Out	4
Sábado	Jul-Ago	20
Santuário, A Verdade do...	Jan-Fev	13
Saúde, O Evangelho da...	Mar-Abr	10
Servo, O...Dirigente	Jul-Ago	11
Tempo, É... de Fazer Menos Pelos Membros de Sua Igreja	Mar-Abr	5
Vantagem na Adversidade	Mar-Abr	8

AUTORES

Aeschlimann, Carlos E.		
A Campanha Evangelística Nacional da Colômbia	Jan-Fev	4
Anderson, Roy Allan		
"Falai Benignamente a Jerusalém"	Jul-Ago	7
Blanco, Jack		
A Graça da Lei	Jan-Fev	20
Chalfant, Morris		
Apascente os Cordeiros, Não as Girafas	Mai-Jun	9
Coffin, Harold G.		
Evidências da Criação	Set-Out	11
Cooper, Victor		
O Servo Dirigente	Jul-Ago	11
Cummings, Des		
Quem Lê Ellen G. White?	Jul-Ago	4
Dennis, Davi D.		
O Custo Elevado do Evangelismo	Jan-Fev	3
Dolson, Léo R. Van		
O Evangelho da Saúde	Mar-Abr	10
Dudley, Roger L.		
Quem Lê Ellen G. White?	Jul-Ago	4

Autores	Meses	Pág.
Finley, Mark O Cuidado dos Recém-Nascidos	Jan-Fev	5
Finney, E. G. Como Pregiar de Tal Modo que Ninguém se Converta	Mai-Jun	21
Froom, L. E. A Verdade do Santuário	Jan-Fev	13
Geoscience Research Institute Respostas às Principais Objeções Contra a Criação	Set-Out	21
Geraty, Lawrence T. A Atualidade a Respeito de Ebla	Mar-Abr	13
Grunlan, Estêvão "Pastor, Eu o Amo!"	Nov-Dez	5
Habenicht, Cherry B. Orações da Casa Pastoral	Nov-Dez	13
Hasel, Gerhard F. A Perpétua Dádiva de Deus ao Homem	Jul-Ago	20
Hein, Rodolfo A Autoridade de Deus e a Igreja	Mai-Jun	5
Holt, B. Russell Lembre-se de Southview!	Mai-Jun	3
Hunt, J. N. Quanto Vale uma Alma?	Nov-Dez	8
Hyde, Gordon M. Nossa Herança Profética	Mar-Abr	16
Japas, Salim Cristo no Lugar Santo	Mai-Jun	11
Jarnes, Davi C. A Evolução em Confronto com o Cristianismo	Set-Out	17
Johns, Warren H. A Evolução em Confronto com o Cristianismo	Set-Out	17
Kuyper, Neal A. Invertendo a Cerimônia Fúnebre	Jul-Ago	13
LaRondelle, Hans K. A Igreja e Israel em Romanos 9-11	Jan-Fev	17
O Arrebatamento "Secreto" é a Bendita Esperança?	Mai-Jun	18
Mead, K. H. Mantendo-se Como o Número Um	Jul-Ago	23
Mello, José R. "O Homem de Deus Esteve em Meu Lar"	Mai-Jun	4
Morris, Richard A. É Tempo de Fazer Menos Pelos Membros de sua Igreja	Mar-Abr	5
Nuessle, Karen Cinco Faces da Esposa do Pastor	Nov-Dez	10
Quigley, W. B. A Igreja é Enfadonha	Jul-Ago	3
Roncarolo, Roberto R. O Ministério do Ensino Individual e Coletivo da Mordomia	Nov-Dez	7
Roth, Ariel A. Criação, Evolução ou Outras Teorias?	Set-Out	14
Evidências de um Dilúvio Mundial	Set-Out	9
Schwantes, Siegfried J. Ligado nos Céus	Mar-Abr	19
Spangler, J. Robert Isto Realmente Tem Importância?	Set-Out	3
Os Adventistas Podem Ser Evolucionistas?	Mar-Abr	3
Perdão, Israel!	Nov-Dez	3
Taylor, Alice Vantagem na Adversidade	Mar-Abr	8
Timm, Alberto Ronald A Presciência Divina — Relativa ou Absoluta?	Nov-Dez	13
Tkachuck, Richard D. A Revolução de Darwin	Set-Out	4
Em Busca da Bala de Prata	Set-Out	7
Treyer, Alberto A Contaminação	Mai-Jun Jul-Ago	16 17
Vyhmeister, Irma B. de Ao Começar um Novo Dia	Jan-Fev	8
Walter, Arlys Não Mais "Caixas de Culpa"!	Jul-Ago	14
White, Ellen G. Um Ministério Mais Elevado	Jan-Fev	10